

A^{35/1} JANEIRO 1982
Liahona



1982/01/35



**A PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA:**
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

**CONSELHO
DOS DOZE:**
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

**COMITÉ
DE SUPERVISÃO:**
M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzo Busche

EDITOR:
M. Russell Ballard

**EXECUTIVO DO
«INTERNACIONAL
MAGAZINE»:**
Larry Hiller,
Editor Gerente;
David Mitchel,
Editor Associado;
Bonnie Saunders,
Seção Infantil;
Roger Gylling,
desenhista;
Norman Price,
produção.

**EXECUTIVO DE
«A LIAHONA»:**
Gelson Pizzirani,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo da Costa
Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A Liahona

Janeiro de 1982
PBMA0416PO
SÃO PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1. Mensagem da Primeira Presidência
"Se Estiveres Preparados, 'não Temereis, Marion G. Romney.
6. Para Tempos Difíceis, Jeffrey R. Holland
12. Ensino Motivador do Evangelho, Rex A. Skidmore.
16. Aprender é Uma Obrigação de Todos, Joe J. Christensen
17. Opapo: O Poder da Sua Fé, Carl Fonoimoana.
22. A Senha, J. Lynn Bradford.
23. Hasty, Terry Dale.
26. Das Trevas Veio a Luz, Thomas J. Griffiths.
31. Visto de Uma Perspectiva Diferente, Lee Dalton.
34. "Eu Não Vou Ter de Ir Para Casa, Não É?"; C. Jack Lemmon

SEÇÃO INFANTIL

- I DE UM AMIGO PARA OUTRO G. Homer Durham.
- IV A CIDADE NO CÉU William Bishop.
- VI FORMIGAS PASTORAS Jeanne King.

NOTÍCIAS LOCAIS

- I Organizada a Estaca de Alegrete
- II A Quinta Estaca em Curitiba
- III Distrito de Manaus
- IV Curitiba - A Cidade Sorriso
- VI Patriarca Clodomiro Rodrigues - Um Grande Exemplo
- VII Decenário do Sistema Educacional da Igreja No Brasil
- VIII Diretor Internacional de Comunicações Públicas No Brasil Em Brasília
- IX Campeonato de Xadrez da Estaca São Paulo Ipiranga
- IX Uma Carta da Austrália
- X Será Que Foi a Fé?
- XI Ele é Meu Pai e Está Muito Perto de Mim
- XII Devemos Por Em Prática o Que Aprendemos
- XIII Calendário do Templo Para 1982

Nota da Capa: Começando na página 19, Carl Fonoimoana fala da grande fé demonstrada por seu avô, Opapo, cujo retrato aparece na capa com vistas de Sauniatu, Samoa Ocidental, um núcleo mórmon que ajudou a fundar em 1904. (Ver A Liahona de janeiro de 1978).

Fotos de Brian Kelly

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D. P. F., sob o n.º 1151 P 209; 73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 200,00 para o exterior, simples, US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 20,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA - © 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.450.

“Se
Estiverdes
Preparados
Não
Temereis”



Presidente Marion G. Romney

Sou de opinião que nós, santos dos últimos dias, estamos melhor preparados para enfrentar as dificuldades de nossa época do que qualquer outro povo, por causa do conhecimento que temos recebido nas revelações. Sabemos mais das dificuldades que estão para vir e temos a chave para sua solução.

Suponho que a maioria das pessoas tendem a interpretar os

acontecimentos mundiais e suas próprias experiências à luz de certos padrões neles arraigados. O fato de que o Senhor Onipotente cuidará do seu povo nestes últimos dias de tensões e provações arraigou-se em minha mente desde criança.

Quando menino, vivia num país (o México) assolado por devastadora revolução. Os avanços e recuos das

forças antagônicas deixavam-me profundamente agitado e perturbado. Lembro-me muito bem de quando soubemos que os rebeldes marchavam para a Cidade de Chihuahua, vindos do norte, e as tropas federais dirigiam-se à mesma cidade, vindas de Torreon, ao sul. Minha perturbação transformou-se então em medo — na verdade em terror —

“Pois aproxima-se o dia em que a plenitude da ira de Deus será derramada sobre todos os filhos dos homens; porque ele não permitirá que os maus destruam os justos.”
(I Néfi 22:16.)

quando as duas facções se defrontaram em Casas Grandes, a menos de dezesseis quilômetros de distância, e começou o tiroteio. Alguns de nossos jovens mais afoitos subiram ao topo do Monte Montezuma, de onde se podia acompanhar o combate com auxílio de binóculos.

Essas emocionantes e inolvidáveis experiências de infância tornavam-me

difícil entender a doutrina da paz interior, enquanto o país se debatia em lutas internas. Porém, mesmo então meus temores eram um pouco amenizados vendo minha mãe embalando seu bebê com um acalanto. A letra do que cantava me confortava e alguma coisa dela continuou soando em meus ouvidos durante esses quase dois terços de século decorridos desde aí, como, por exemplo:

*Ao sentir tremer a terra,
Dá-nos força e valor;
E, chegando o julgamento,
Ergue o braço protetor. (Hinos,
nº 42.)*

E esta, de Parley P. Pratt:
*Ó vem, supremo Rei, atende as
petições;
Vem libertar a tua grei, Desejado
das nações —
Ó vem os justos apartar, a Israel
provê um lar!*

*O mundo em chamas arderá e
outra terra se erguerá! (Hinos, nº
13.)*

E de W.W. Phelps:
*Se nos encontrarmos nas trevas
perdidos,
Confiemos no braço potente de
Deus.*

*Depois do castigo e da hora
extrema,*

*Seremos guiados aos domínios
seus. (Hinos, nº 89)*

Com o passar dos anos e à medida que fui conhecendo um pouco das escrituras, aprendi que os autores dessas belas mensagens de esperança e destemor sabiam, pelas revelações, que o Senhor cuidaria dos seus santos nas previstas e anunciadas calamidades. Néfi, por exemplo, diz de nossos dias:

“Pois aproxima-se o dia em que a plenitude da ira de Deus será derramada sobre todos os filhos dos homens; porque ele não permitirá que os maus destruam os justos.

“E, portanto, por seu poder ele preservará os justos, mesmo que tenha de vir a plenitude de sua ira e os justos serão preservados até a destruição dos seus inimigos pelo fogo. Não é preciso, pois, que os justos temam; e assim, diz o profeta, eles serão salvos, ainda que seja pelo fogo.” (1 Néfi 22:16,17.)

Quando o Senhor deu, por revelação, o prefácio de Doutrina & Convênios, disse que estava disposto a “tornar conhecidas... a toda a carne” as coisas que havia revelado.

“Pois não faço acepção de pessoas e desejo que todos os homens saibam que o dia rapidamente se aproxima; ainda não é chegada a hora, mas está perto, quando a paz será tirada da terra e o diabo terá poder sobre o seu próprio domínio.

“E o Senhor também terá poder sobre os seus santos e reinará em seu meio, e descerá para julgar Iduméia, ou o mundo.” (D&C 1:35,36.)

O próprio Jesus previu nosso tempo e os dias que se seguirão a ele, diante de seus discípulos no Monte das Oliveiras. Quando ali o interrogaram a respeito da destruição de Jerusalém e dos sinais de sua segunda vinda, disse-lhes que “este povo — (a geração entre a qual viviam) — será destruído e dispersado por entre todas as nações...

“Mas serão reunidos outra vez; contudo, permanecerão até que o tempo dos gentios se cumpra.

“E naqueles dias se ouvirá falar de guerras e rumores de guerras, e toda a terra estará em agitação, e os corações dos homens falharão...

“E o amor dos homens esfriará, e a iniquidade abundará.

“E, quando o tempo dos gentios chegar, entre aqueles que se assentam nas trevas resplandecerá uma luz, a qual será a plenitude do meu evangelho;

“Mas eles não a recebem; pois não compreendem a luz, e por causa dos

Sei que, se vivêssemos o evangelho, não teríamos guerras; teríamos paz. Todavia, não espero que gente suficiente se arrependa para poupar ao mundo sérias dificuldades.

preceitos dos homens, desviam de mim seus corações.

“E naquela geração se cumprirá o tempo dos gentios.

“E naquela geração haverá homens que não passarão até que vejam uma praga superabundante; pois uma doença desoladora cobrirá a terra.

“Mas os meus discípulos permanecerão em lugares santos e não serão abalados; mas entre os

iníquos, homens levantarão suas vozes e amaldiçoarão a Deus e morrerão.

“E haverá terremotos também em diversos lugares, e muitas desolações; e ainda assim os homens endurecerão seus corações contra mim, e levantarão a espada uns contra os outros, e se matarão uns aos outros.” (D&C 45:19,25-33; grifo nosso.)

Estou convencido de que, para termos paz em nosso coração, temos de aprender a preservá-la dentro dele em meio às dificuldades e provações. Sei que, se vivêssemos o evangelho, não teríamos guerras; teríamos paz. Todavia, não espero que gente suficiente se arrependa para poupar ao mundo sérias dificuldades. Volto, porém, às palavras do Salvador. Ao fazer a já citada declaração aos discípulos, ele sabia que estavam perturbados e lhes disse:

“Não vos perturbeis, pois quando todas estas coisas acontecerem, sabereis que as promessas que vos foram feitas se cumprirão...”

“E acontecerá que aquele que me teme estará esperando pela chegada do grande dia do Senhor, sim, pelos sinais da vinda do Filho do Homem.

“E eles verão sinais e maravilhas, pois os mesmos se mostrarão em cima nos céus e embaixo na terra.

“E verão sangue, fogo e vapores de fumaça.

“E, antes que venha o dia do Senhor, o sol se escurecerá, a lua se tornará em sangue, e as estrelas cairão do céu.

“E o remanescente será reunido neste lugar — (Jerusalém) —;

“E então eles me procurarão, e eis que eu virei; e eles me verão nas nuvens dos céus, vestido com poder e

grande glória; e com todos os santos anjos; e aquele que não me procura será exterminado.”

E eis aqui a chave.

“E naquele dia, quando eu vier em minha glória, a parábola de que falei, concernente às dez virgens, se cumprirá.

“Pois aqueles que são sábios e tiverem aceitado a verdade, e tomado o Santo Espírito por seu guia, e não tiverem sido enganados... não serão

Se recebermos o Espírito Santo e seguirmos sua orientação, estaremos entre aqueles que serão protegidos e suportarão estes tempos difíceis.

cortados e lançados no fogo, mas suportarão o dia.” (D&C 45:35, 39-44, 56-57.)

“*Aqueles que são sábios e tiverem aceitado a verdade e tomado o Santo Espírito por seu guia, e não tiverem sido enganados.*” (Ibid grifo nosso.) Penso que não estamos seguros só dizendo que tencionamos fazer o que é certo, mas sim quando tomamos por guia o Santo Espírito e não nos deixarmos enganar. Assim, não seremos cortados e lançados no fogo, e suportaremos o dia.

“E a terra ser-lhes-á dada por herança” — àqueles que tomaram o Santo Espírito por seu guia e não foram enganados — “e eles se multiplicarão e se tornarão fortes, e seus filhos crescerão sem pecado para a salvação.

“Pois o Senhor estará em seu meio, e a sua glória estará sobre eles, e ele será o seu rei e o seu legislador.” (D&C 45:58-59.)

Penso que o Salvador se referia ao Espírito Santo, quando disse “aqueles que... tiverem... tomado o Santo Espírito por seu guia”. (D&C 45:57.) O Espírito Santo é o espírito da verdade. Tê-lo conosco, neste caso, conforme já expliquei, é ser guiado por revelação dos céus. Eu sei que podemos ser assim guiados.

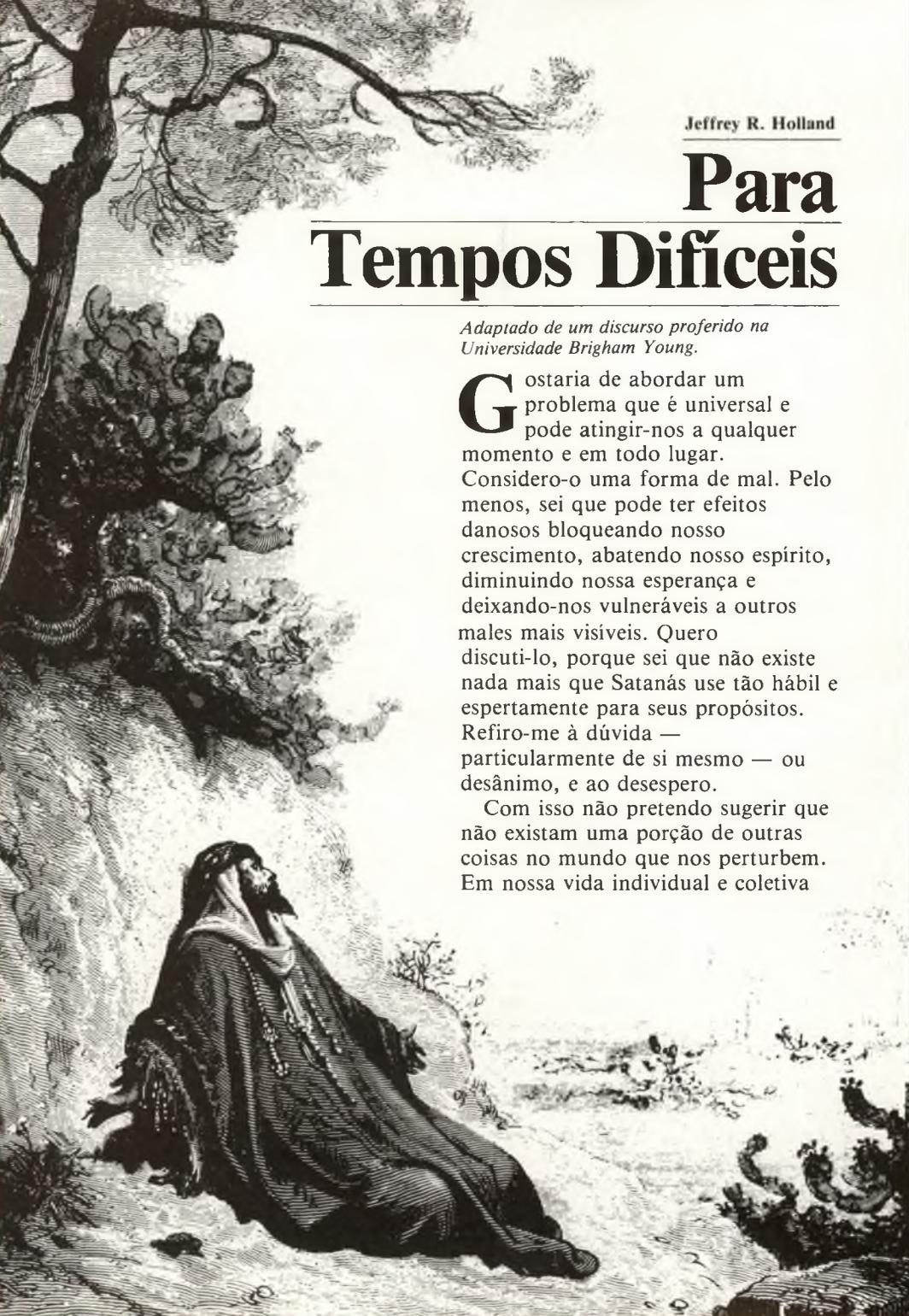
Quando o Profeta Joseph Smith foi para Washington com Elias Higbee em 1839, conferenciou com numerosos estadistas — e uma porção de políticos também. Conferenciou com o Presidente dos Estados Unidos, e numa dessas ocasiões, o Sr. Van Buren (o presidente dos Estados Unidos) quis saber “em que divergíamos das religiões da época. O Irmão Joseph respondeu que diferíamos na forma de batismo, e no dom do Espírito Santo pela imposição das mãos. Julgamos que todas as outras considerações estão contidas no dom do Espírito Santo”. (*History of the Church*, 4:42.)

Ora, nós temos o Espírito Santo. Todo membro da Igreja recebeu a imposição das mãos sobre sua cabeça, conferindo-lhe, até onde uma ordenança pode fazê-lo, o dom do Espírito Santo. Porém, segundo me lembro quando fui confirmado, não foi dito que o Espírito Santo viesse a mim, mas sim que eu recebesse o

Espírito Santo. Se eu receber o Espírito Santo e seguir sua orientação, estarei entre aqueles que serão protegidos e suportarão estes tempos difíceis. E o mesmo se dará conosco e com qualquer outra alma que vive sob sua direção. “Se estiverdes preparados não temereis.” (D&C 38:30.)

SUGESTÕES PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Conte uma experiência pessoal sobre as bênçãos de estar preparado e confiar no Senhor. Peça aos membros da família que externem o que pensam a respeito de se confiar no Senhor e estar preparado.
2. Debata a afirmação do Presidente Romney de que aqueles que recebem o Espírito Santo e seguem sua orientação, estarão entre aqueles que serão protegidos e suportarão estes tempos difíceis.
3. Debata como podemos preparar-nos espiritual e emocionalmente para quaisquer dificuldades que surjam na vida.
4. Existem nesta mensagem citações ou escrituras que a família poderia ler em voz alta, ou alguma outra escritura que você gostaria de ler com eles?
5. Seria preferível conversar com o chefe da família a respeito desta mensagem, antes da visita propriamente dita? O líder do quorum ou bispo tem uma mensagem sobre fé e preparação para o chefe da família?



Jeffrey R. Holland

Para Tempos Difíceis

*Adaptado de um discurso proferido na
Universidade Brigham Young.*

Gostaria de abordar um problema que é universal e pode atingir-nos a qualquer momento e em todo lugar. Considero-o uma forma de mal. Pelo menos, sei que pode ter efeitos danosos bloqueando nosso crescimento, abatendo nosso espírito, diminuindo nossa esperança e deixando-nos vulneráveis a outros males mais visíveis. Quero discuti-lo, porque sei que não existe nada mais que Satanás use tão hábil e espertamente para seus propósitos. Refiro-me à dúvida — particularmente de si mesmo — ou desânimo, e ao desespero.

Com isso não pretendo sugerir que não existam uma porção de outras coisas no mundo que nos perturbem. Em nossa vida individual e coletiva

— em âmbito local, nacional e internacional — existem certamente sérias ameaças a nossa felicidade. O que me preocupa, porém, não são as dificuldades e problemas de que lemos no jornal ou ouvimos no rádio. Gostaria de tratar um pouco mais de perto de assuntos que não fornecem manchetes, porém são importantes em nossa vida pessoal.

Entretanto, quero deixar claro logo de início a distinção feita certa vez pelo escritor F. Scott Fitzgerald — que “dificuldade não tem necessariamente conexão com desânimo — o desânimo tem germe próprio, tão diferente da dificuldade quanto a artrite do torcicolo”. (“The Crack-Up”, ed. Edmund Wilson, New York, James Laughlin, 1945, p. 77.) Todos temos dificuldades, mas o “germe” do desânimo, usando o termo de Fitzgerald, não está na dificuldade, mas em nós — ou, para ser mais preciso, acredito que em Satanás, o príncipe das trevas, o pai das mentiras. E ele quer introduzi-lo em nós. Frequentemente é um germe minúsculo, mas que atua, cresce e se espalha. Pode tornar-se quase que um hábito, uma forma de viver e pensar, e é nisto que reside seu maior malefício. Então ele cobra um tributo muito alto de nosso espírito, corroendo nossos mais profundos compromissos religiosos — os da fé, esperança e caridade. Nós nos fechamos e olhamos para baixo, e essas supremas virtudes cristãs ficam prejudicadas ou pelo menos debilitadas. Tornamo-nos infelizes, e logo estaremos contribuindo para a infelicidade alheia e quem ri, é Lúcifer.

Como com qualquer outro germe, é preciso aplicar um pouco de medicina

Se apesar de todo esforço e retidão as coisas continuam difíceis e fatigantes, tende bom ânimo. Outros já experimentaram o mesmo antes de vós.

preventiva contra essas coisas que nos abatem. Existe uma frase de Dante que diz: “A seta que vemos chegar não nos surpreende.” (*Divina Comédia*, Paraíso, canto 17, linha 24.)

E nós dizemos, como parte integrante de nossa teologia: “E anjos voarão pelo meio do céu, clamando em alta voz...: Preparai-vos, preparai-vos,” (D&C 88:92.)

“(E) se estiverdes preparados não temereis.” (D&C 38:30.)

O medo é parte do que deseja o opositor. As escrituras ensinam que a preparação — ou prevenção, se preferirdes — é talvez a principal arma em nosso arsenal contra o desânimo e derrota.

Por exemplo, talvez estejamos desanimados com problemas financeiros — e isto acontece praticamente a todos uma vez ou outra. Se isto serve de consolação, saíam que outros também enfrentam problemas financeiros. Eles podem ser difíceis mas vós tendes uma obrigação — pelo menos com o próprio eu — de cuidar de que não se tornem destrutivos. Talvez sejais obrigados a vos privar de certas coisas necessárias ou até mesmo considerar-vos pobres. Entretanto,

considerai: “Se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?” (Mat. 6:30.)

Preparai-vos. Fazei planos. Trabalhai. Sacrificai-vos. Empregai tempo e dinheiro em coisas de valor. Mantende a calma e senti a certeza de ter tirado o melhor partido do que possuis. Se trabalhades com afinco e vos preparardes seriamente, será muito difícil desistir, desanimar ou ser derrotado. Se trabalhades com fé em Deus e em vós próprios e no futuro, tereis edificado sobre a rocha, e não fracassareis quando soprarem os ventos e caírem as chuvas, que certamente virão.

Se, apesar de todo esforço e retidão, as coisas continuam difíceis e fatigantes, tende bom ânimo. Outros experimentaram o mesmo antes de vós.

Vós vos sentis impopulares e diferentes? Lede a história de Noé e de como era popular em 2 500 A.C.

O caminho da vida estende-se diante de vós numa seqüência interminável de aparentes problemas? Lede a respeito de Moisés. Calculai sua dificuldade na luta contra o Faraó e a seguir os quarenta anos no Sinai. Certas tarefas exigem tempo. Aceitai isso. Mas, como dizem as escrituras: “Elas são passageiras.” Elas terão fim e acabaremos atravessando o nosso próprio Jordão. Outros são prova disso.

Preocupa-vos que os outros talvez não vos apreciem? O Profeta Joseph Smith poderia compartilhar algumas idéias sobre isto convosco. A saúde tem sido um problema? Sem dúvida encontrareis consolo no fato de que

um homem que tem sofrido como Jó conduziu esta Igreja à mais emocionante e reveladora década de toda esta dispensação. Nos últimos trinta anos, o Presidente Kimball viveu poucos dias isentos de dor, sofrimento ou doença. Seria errôneo perguntar se o Presidente Kimball não se tornou em certo sentido o que é, a despeito dos sofrimentos físicos, mas em parte por causa deles? Não sorveis ânimo do sacrifício compartilhado com esse gigante de homem que derrotou doença e morte, enfrentou as forças das trevas clamando, quando mal tinha forças para andar: “Ó Senhor, ainda sou forte. Dá-me mais um monte para galgar.” (Vide Josué 14:11-12.)

Alguma vez vos sentis sem talentos, incapaz ou inferior? Ajudar-vos-ia saber que todos se sentem assim, inclusive os profetas de Deus? Moisés resistiu inicialmente ao seu destino, alegando não ter eloqüência para falar. Jeremias considerava-se uma criança e tinha medo de enfrentar as pessoas.

E Enoque? Lembrai-vos dele enquanto viverdes. Foi ele o jovem que disse, ao ser chamado para cumprir uma tarefa aparentemente impossível: “Por que é que encontrei graça em tua vista? Sou apenas um rapaz e todo o povo me odeia, porque não falo com desembaraço.” (Moisés 6:31.)

Enoque tinha fé. Retesou a espinha, aprumou os ombros e se pôs a caminho. O velho, simples, desajeitado, pobre Enoque. E eis o que os anjos chegaram a dizer dele:

“E Enoque tinha tão grande fé, que ele conduziu o povo de Deus, e seus inimigos saíram à batalha contra ele; e ele falou a palavra do Senhor, e

a terra tremeu, e as montanhas fugiram, mesmo de acordo com seu mandamento; e os rios se desviaram de seus cursos; e o rugido dos leões se fez ouvir no deserto; e todas as nações temeram grandemente, tão poderosa era a palavra de Enoque, e tão grande era o poder da palavra que Deus lhe dera.” (Moises 7:13.)

O simples, humilde e desajeitado Enoque! Cujo nome agora é sinônimo de suprema retidão. Na próxima vez que vos sentirdes tentados a considerar-vos um nada, lembrai-vos de que o mesmo aconteceu aos mais esplêndidos homens e mulheres deste reino. Repeti-vos o que Josué disse às tribos de Israel, quando enfrentaram uma de suas mais difíceis tarefas: “Santificai-vos, porque amanhã fará o Senhor maravilhas no meio de vós.” (Josué 3:5.)

Existe, é óbvio, uma fonte de desespero bem mais séria que as demais, ligada à falta de preparo de natureza bem mais grave. É o contrário da santificação, o mais destrutivo desânimo no tempo ou eternidade. É a transgressão contra Deus, a depressão decorrente do pecado.

Neste caso, vosso maior desafio, uma vez reconhecida a gravidade de vossos erros, é crer em vossa capacidade de mudar, tornar-se uma pessoa diferente. Descrer disso é, sem dúvida, um expediente satânico para vos desencorajar e derrotar. Dobrai os joelhos e agradecei ao Pai Celeste por pertencerdes a uma igreja e haverdes aceito o evangelho que promete arrependimento aos que quiserem pagar o preço. Arrependimento não é uma palavra de mau agouro. Depois da fé, é a

palavra mais encorajadora no vocabulário cristão. O arrependimento é um simples convite para crescer, melhorar, progredir, renovar-se. Vós sois capazes de mudar! Podeis ser tudo o que quiserdes na retidão.

Se existe coisa que não tolero é o lamento patético, deprimente, deplorável: “Bem, é assim que eu sou.” Se quiserdes falar de desânimo, não faleis comigo. Por favor, poupai-me ter de ouvir: “É assim que eu sou.” Tenho-o ouvido de gente demais que queria pecar e encontrar algum princípio psicológico para justificá-lo. E volto a empregar o termo pecado para uma ampla série de hábitos, alguns aparentemente bem inocentes mas que, não obstante, levam ao desânimo, dúvida e desespero.

Vós podeis mudar tudo quanto quiserdes mudar, e com bastante rapidez. Que arrepender-se leva anos e mais anos é outra balela satânica. Arrepender-se leva exatamente o tempo necessário para dizer “vou mudar” — com sinceridade. Naturalmente haverá problemas e reparações a fazer. Talvez tenhais de passar — na verdade seria o melhor — o resto da vida provando que vosso arrependimento é genuíno pela perseverança nele. Porém, mudança, crescimento, renovação, arrependimento podem ser tão instantâneos para qualquer pessoa como o foram para Alma e os filhos de Mosiah. Ainda que vossos erros tenham sido graves, não é provável que vos qualifiqueis para a expressão “os mais vis pecadores” com que Mórmon descreve esses moços. Ainda assim, conforme o relato de Alma no capítulo trinta e seis do livro que leva

seu nome, parece ter sido tão instantâneo quanto assombroso.

Não me entendais mal. O arrependimento não é fácil, indolor ou cômodo. É uma amarga taça do inferno. Porém, somente Satanás que ali habita gostaria de convencer-vos de que o necessário e temporário mal-estar de se reconhecer os pecados é mais desagradável que uma residência permanente lá. Somente ele diria: “Você não consegue mudar. Você não quer mudar. É muito demorado e difícil. Desista. Não se arrependa. Você é mesmo assim.” Isto, meus amigos, é uma mentira nascida do desespero. Não vos deixeis enganar.

Mergulhai nas escrituras. Nelas encontrareis descritas vossas próprias experiências. Encontrareis entusiasmo

“E orou Eliseu e disse: Senhor, peço-te que lhe abras os olhos para que veja.”

e força, soluções e conselhos. Nêfi diz: “As palavras de Cristo vos ensinarão todas as coisas que deveis fazer.” (2 Nêfi 32:3.)

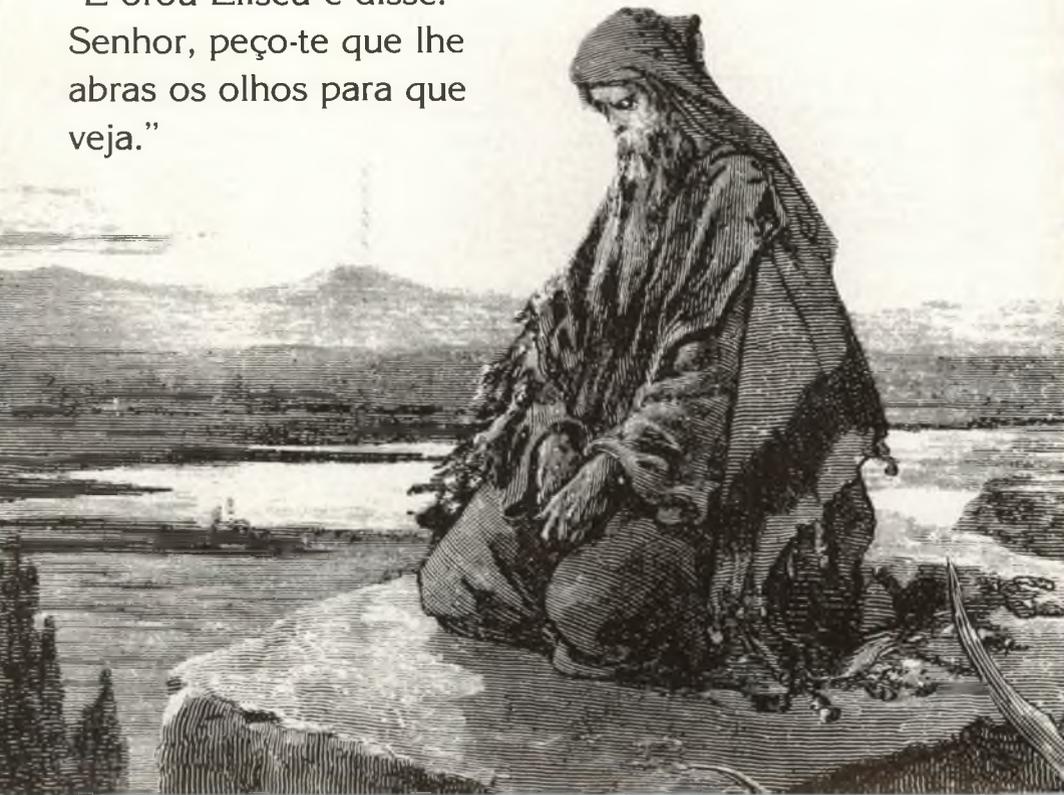
Orai seriamente e jejuai com propósito e devoção. Certas dificuldades, como os demônios, não se vencem “senão pela oração e pelo jejum”. (Vide Mat. 17:21.)

Servi aos outros. É um paradoxo celestial que somente assim conseguiremos salvar-nos.

Tende fê. “Terá cessado o dia dos milagres?”

“Deixaram os anjos de aparecer aos filhos dos homens? Ou fará ele isso enquanto durar o tempo, enquanto subsistir a terra e houver no mundo um homem para ser salvo?”

“Eis que vos digo que não, pois...”



é pela fé que os anjos aparecem e exercem seu ministério em favor dos homens.” (Morôni 7:35-37.)

Eliseu, com o poder conhecido só dos profetas, aconselhou o rei de Israel sobre como, onde e quando defender-se das forças sírias. O rei da Síria, logicamente, queria livrar suas tropas desse problema profético e por isso “enviou para lá cavalos e carros e um grande exército, os quais vieram de noite e cercaram a cidade”. (2 Reis 6:14.)

Eis uma excelente ocasião para Eliseu ficar deprimido. Seu único aliado é um rapaz que nos tempos modernos poderia ser o presidente de um quorum de mestres — um profeta e um rapazote contra o mundo. E o rapaz está apavorado, vendo inimigos por todo o lado — dificuldades, desespero, problemas e provações por toda a parte. Ele não pode fugir, e tudo o que vê é uma cidade má e impiedosa como Chicago. Com a fé vacilante, ele brada: “Ai, meu senhor! que faremos?” (2 Reis 6:15.)

O que responde Eliseu?

“Não temas; porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles.

“E orou Eliseu e disse: Senhor, peço-te que lhe abras os olhos para que veja. E o Senhor abriu os olhos do moço, e (ele) viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu.” (2 Reis 6:16-17.)

Jamais deveis esquecer que, no evangelho de Jesus Cristo, tendes ajuda de ambos os lados do véu. Quando sobrevierem os desapontamentos e desânimo — e eles virão — deveis lembrar-vos e nunca vos esquecer de que, se vossos olhos pudessem ser abertos, veríeis cavalos

Vós podeis mudar tudo quanto quiserdes mudar, e com bastante rapidez. Somente Satanás diria: “Você não consegue mudar.”

e carros de fogo tão longe quanto alcança a vista, correndo para vossa proteção. Eles sempre estarão presentes, essas forças celestes, na defesa da semente de Abraão.

Termino com esta promessa dos céus: “Na verdade, na verdade vos digo, vós sois criancinhas e não compreendeis ainda quão grandes bênçãos o Pai possui em suas próprias mãos, e preparou para vós”.

“E não podeis suportar tudo agora; contudo, tende bom ânimo, pois eu vos guiarei.

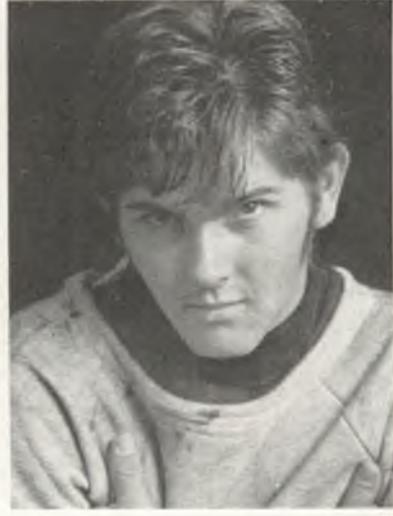
“... (Eu) irei diante de vossa face. Eu estarei à vossa mão direita e à vossa esquerda... e os meus anjos ao vosso redor, para vos suster.

“... Vosso é o reino e suas bênçãos, e vossas as riquezas da eternidade.” (D&C 78:17-18; 84:88; 78:18.)

Oh sim, havemos de encontrar o lar que Deus nos preparou. E até lá, “vamos todos cantar, bem alto e com resolução, o nosso glorioso refrão: Tudo bem! Tudo bem!” (*Hinos*, nº 8.)

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Ensino Motivado



Numa aldeia sul-americana, um grupo de visitantes observava descendentes dos incas tosquiando suas ovelhas com cacos de vidro e pedaços de lata. Os visitantes então convidaram alguns líderes locais a comparecerem para uma demonstração de tosa com tesourões. Os aldeões descobriram que com eles conseguiriam tosquiar dez vezes mais ovelhas no mesmo espaço de tempo. Adquiriram alguns tesourões e vêm-nos usando desde aí. O ensino eficiente produziu uma mudança significativa.

Semelhantemente, na Igreja o ensino eficaz pode produzir mudanças valiosas e positivas na vida de crianças, jovens e adultos. Qual é a

meta principal do ensino do evangelho? Qual deveria ser?

A meta não é meramente “informar” os membros da classe; não é mostrar os conhecimentos do professor, tampouco aprimorar o conhecimento acerca da Igreja ou do evangelho. A meta fundamental do ensino na Igreja é provocar mudanças positivas na vida dos membros. Objetiva motivar o indivíduo a refletir, sentir e depois agir com respeito a verdades e princípios do evangelho.

Um número excessivo de professores somente falam *do* evangelho, esquecendo-se dos passos necessários para conseguir a aplicação

r do Evangelho



de seus princípios na vida das pessoas. Ensinar um princípio não basta. Motivar sua aplicação e abrir a porta para que isto aconteça é essencial para um ensino dinâmico.

O ensino eficaz implica conhecer a extensão de conhecimento do aluno quando entra na sala de aula — qual o entendimento que ele possui. Reconhece também que, se o aluno não tiver mudado em algum sentido quando sai da aula, o tempo provavelmente foi perdido. Espera-se que, quando o aluno deixar a sala, ele tenha sido influenciado e motivado a modificar seu comportamento para melhor. Espera-se que ele haja aumentado seu

conhecimento sobre algum princípio do evangelho e o ponha em prática na vida cotidiana.

O bom e efetivo ensino implica pelo menos três etapas:

1. *Mais conhecimento.* Grande parte do ensino do evangelho restringe-se a esse ponto. •O conhecimento é importante, porém não basta. Conhecer a história da Igreja e seus princípios é essencial para o progresso no reino de Deus; é o fundamento para viver-se bem, mas é unicamente o ponto de partida.

2. *Modificação de atitudes ou entendimento.* É importante que os alunos desenvolvam atitudes positivas para com o evangelho e seus

princípios, e os professores que ajudam os componentes da classe a aprofundar seu entendimento do bem e fortalecer seu testemunho estão no caminho certo.

3. *Aplicação.* Em muitos sentidos, esta é a parte mais importante. Toda lição do evangelho, seja no sacerdócio, numa auxiliar, no seminário ou instituto, deve ajudar todos os alunos a modificarem sua maneira de viver e produzir alterações positivas.

A meta fundamental do ensino na Igreja é provocar mudanças positivas na vida dos membros.

Por exemplo, se a lição tratar da oração, o bom professor ajudará os alunos a entender o que é oração, por que oramos e como fazê-lo com proveito. Ajudá-los-á também a desenvolver atitudes mais positivas para com a oração, sentindo que ela é importante. Incentiva-los-á a orar hoje, amanhã, todo dia.

Reconhecendo que a meta do ensino eficaz do evangelho é provocar mudanças positivas na vida das pessoas, falta resolver: Como consegui-lo?

Primeiro, o bom professor ajuda seus alunos a entender a lição e o princípio ou conceito que ela ressalta.

Se tratar do jejum, por exemplo, ele ajudará os componentes da classe a entenderem seu princípio, qual a origem e seu significado na vida das pessoas. Compreendendo por que, quando e para que se jejua, estarão mais propensos a incorporar o jejum em sua vida. Não entendendo o princípio, provavelmente pouco ou nenhum interesse terá para eles.

As pessoas sentem relutância e às vezes até temor diante do desconhecido. Uma compreensão melhor abre a porta para a ação e pavimentam o caminho do progresso. Ensinar *a respeito* do evangelho é, sem dúvida, um passo importante para se chegar à ação, mas não um fim em si.

Segundo, o professor eficiente motiva os alunos a agir, aprofundando seus sentimentos e convicções. Novamente, ele os auxilia a sentir que o jejum traz bênçãos tanto para quem jejua como para outros, se seu ensino for eficaz.

Uma forma de conseguir isso é prestar testemunho e compartilhar suas convicções com a classe. O testemunho pessoal realmente influencia a vida dos outros. Nas feiras mundiais de Nova York e Tóquio, muitas pessoas filiaram-se à Igreja depois de visitarem a exposição mórmon. Muitas delas testificaram que o que mais as influenciou foi um missionário que, depois de mostrar-lhes o belo pavilhão, dissera-lhes com sinceridade e amor: “Eu sei que o evangelho é verdadeiro. Este é meu testemunho pessoal que lhe presto. O senhor adquirirá o mesmo testemunho se o estudar e o puser em prática.”

Os professores não devem “exagerar” nos testemunhos, mas prestá-los somente quando for apropriado. As convicções pessoais podem ter grande importância na vida dos outros, quando compartilhadas com sinceridade e no momento oportuno.

Outro meio de influenciar os alunos é contar-lhes histórias e experiências interessantes que ilustrem o princípio ou conceito que está sendo ensinado. Muitas pessoas já foram motivadas a modificar sua maneira de viver, devido a uma experiência dramática contada em classe. Além dessas experiências contadas pelo professor, tendo oportunidade, os alunos podem e certamente compartilharão suas próprias experiências e testemunho.

Certo adolescente deixou de fumar depois de uma aula do sacerdócio acerca da Palavra de Sabedoria, na qual o professor contou vividamente a experiência de seu irmão quando largou esse vício. O relato demonstrou realisticamente que o fumante consegue deixar de fumar e os méritos envolvidos.

O bom professor procura enriquecer suas aulas com experiências e histórias que aprofundem as emoções e convicções com relação à vivência dos princípios do evangelho.

Terceiro, o professor eficaz solicita aos componentes da classe que apliquem na prática o aprendido em aula. Isto se faz por meio de um convite ou designação específicos. Frequentemente atingimos esta etapa e paramos; mas o realmente

necessário é abriremos a porta para que os componentes da classe procurem pôr em prática o princípio estudado.

A importância desse passo é ilustrada por uma família de cinco pessoas que se converteu à Igreja. Residindo numa área em que havia muitos santos dos últimos dias, tinham um conhecimento razoável do evangelho. Mudaram-se para uma área de missão, e um missionário convidou-os para uma reunião da Igreja. Em pouco tempo estavam batizados. Alguém perguntou: “Por que não se filiaram antes?” O pai respondeu: “Porque ninguém nos convidou a fazê-lo, nem mesmo a ir à igreja.”

O acompanhamento das designações pode ser outro recurso efetivo. Por exemplo, poderia pedir-se aos garotos de doze anos que orem diariamente, paguem o dízimo ou façam uma “boa obra” em favor de vizinhos necessitados. Tais designações devem ser realistas e exequíveis. Quando alguém experimenta na prática algo de valor, dificilmente o esquecerá. A solicitação de tentar fazer alguma coisa proveitosa é muito importante no ensino eficaz, como também prover um acompanhamento ou relatório dos resultados, para que não caia no esquecimento.

O professor eficaz desempenha um papel importante na realização dessas etapas e assim provoca mudanças positivas na vida das pessoas. Na verdade, conforme dizia o historiador e escritor norte-americano Henry Brooks Adams: “O professor afeta a eternidade; jamais consegue dizer onde termina sua influência.”

Aprender É Uma Obrigação de Todos

Joe J. Christensen
Ex-comissário Adjunto de Educação Religiosa

Devemos ser autênticos estudantes — estudantes como ninguém mais é. Em lugar de sermos freqüentadores passivos das aulas de religião — seja nas universidades, institutos ou seminários, quoruns do sacerdócio, noites familiares ou Escola Dominical — deveríamos dedicar-nos a esse estudo com mais afinco do que qualquer outro. A matéria merece nosso melhor empenho intelectual e espiritual possível, pois, se nesta nossa igreja leiga, não nos tornarmos proficientes no evangelho de Jesus Cristo, quem mais o fará? Se os élderes de Israel não se tornarem profundos teólogos, quem mais o será? Se as mães e futuras mães não aprenderem o evangelho a ponto de saberem ensinar os filhos, quem mais o fará? E vocês, missionários, se não souberem a mensagem do Senhor que terão de ensinar, quem o fará? Muitos acabam descobrindo por experiência dolorosa o óbvio —

ninguém consegue ensinar o que não sabe!

Alguém afirmou que a Igreja nunca está mais longe da extinção que uma geração; e assim é, se as verdades não forem ensinadas efetivamente. Cada geração tem por responsabilidade ensinar essas verdades eficazmente a cada geração sucessiva.

Creio que um dos principais motivos de tantas pessoas no mundo estarem moralmente tão enfraquecidas, é porque não tiveram uma boa instrução religiosa baseada em princípios verdadeiros. Em a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, nós a temos; e mais, temos um compromisso. Nossos líderes estão comprometidos. Não apresentamos desculpa alguma por planejar, organizar e investir bastante tempo e dinheiro nisso. Percorremos quilômetros e quilômetros levando e trazendo filhos para e da Primária, seminários, atividades escoteiras patrocinadas pela Igreja, Escola Dominical, reuniões sacramentais e atividades dos quoruns. Imprimimos centenas de milhares de livros para o uso de pais e professores no ensino. Criamos seminários, institutos de religião, escolas, faculdades e até mesmo universidades.

Por que? A fim de que essas verdades possam ser ensinadas e aprendidas. Para criar condições de o Espírito poder testificar ao espírito de todos nós as verdades eternas do evangelho. Este “Espírito” é de fato a característica fundamental do verdadeiro “ensino religioso”. Sem ele não há sucesso; e quando está com professores e alunos, não há fracasso. Nosso rumo está traçado e nossas metas estabelecidas.

Sempre pensei em Opapo como avô — um homem de fé, bom trabalhador e muito querido, é natural. Mas só depois de adulto compreendi que ele não era apenas meu avô. Era um homem que ocupou uma posição significativa durante uma época historicamente importante.

Pouco se sabe de seus primeiros anos de vida em Fogatuli, Savaii,

a aldeia samoana em que nasceu, em 1859. Mesmo num país pobre, Fogatuli era uma aldeia paupérrima; e a família de Opapo enfrentava um obstáculo particularmente difícil de vencer. Sua mãe, Malia Toa, pertencia a uma família de destaque em Fogatuli, mas o pai, conhecido apenas como Fonoimoana, era um estranho de Uvea (atualmente Ilhas Wallis, cerca de 800 Km

Opapo: O Poder da Sua Fé

Carl Fonoimoana



para o oeste) que chegara àquelas plagas impelido por uma tempestade. Devido a sua descendência tonguense, Fonoimoana era encarado com leve suspeição na aldeia.

O primeiro acontecimento importante na vida de Opapo foi um sonho tido quando rapaz. Nele, viu dois missionários estrangeiros chegarem à aldeia, dirigirem-se diretamente ao seu *fale* (cabana) e se sentarem. Ali o sonho terminara; porém, quando anos mais tarde dois missionários SUD chegaram a sua casa ele os reconheceu como os personagens do sonho e o Espírito confirmou-lhe fortemente que a mensagem deles era verdadeira.

Tudo estava pronto para ele realizar uma grande obra entre o povo samoano.

Os registros mostram que ele e sua mulher, Toai, foram batizados em 1890, dois anos após a abertura da Missão Samoana. Em 1890, os samoanos já tinham conhecimento do cristianismo. A Sociedade Missionária Londrina vinha pregando desde 1830, seguindo-se logo os católicos e metodistas. Abençoados com profunda fé no Salvador, o povo estava familiarizado com milagres e dons espirituais. Porém, quando meu avô aceitou o evangelho e se filiou àquela pequena e combativa igreja, os sinais prometidos aos

que crêem em Cristo começaram a segui-lo de maneira extraordinária, mesmo entre aquele povo fiel.

Ironicamente, havia uma hostilidade amarga entre os grupos que alegavam adorar o Salvador e amá-lo. Os mórmons eram perseguidos, ridicularizados e até mesmo alcunhados de “cowboys”, por causa da origem rural de Joseph Smith. Opapo, reconhecido como líder entre os santos dos últimos dias, suportava tudo sem temor e com muita fé.

Em 1904, ele e mais uns poucos fundaram um pequeno povoado chamado Sauniatu (“Preparando-se para Ir Avante”), humilde santuário para os santos nas montanhas de Upolu. Pouco depois de construírem a primeira capela, a pequena cozinha levantada nos fundos pegou fogo e, a despeito dos esforços do povo carregando água do rio, o incêndio tomou vulto, pondo em perigo a própria capela. Então o povo notou que Opapo subira ao telhado da capela e sentara-se escarranchado sobre a viga mestra. Erguendo o braço direito, olhos para os céus, exclamou: “Pai, podemos dispensar a casa pequena, mas não a grande. Em nome de Jesus Cristo e pelo poder do santo sacerdócio, ordeno que o vento mude.”

E ele mudou; a construção pequena ruiu e a capela foi salva.

Não cheguei a conhecer muito bem meu avô, mas sinto um crescente apreço por ser seu neto. Por causa de sua fé, a minha é mais forte.

Não só isso, como a fé dos santos de Sauniatu se fortaleceu numa época muito difícil!

Abençoado igualmente com o dom de profecia, ele influenciou a vida de muita gente. Certa ocasião, ao voltar de uma estada de três meses em outra ilha, viu os preparativos para uma *fiafia* (festa), afim de comemorar o casamento de um jovem casal. Ao entrevistar a moça, ele subitamente lhe disse, sem outra explicação, que, se desposasse aquele jovem, em pouco tempo se entristeceria.

Opapo e Toai não ficaram livres de provações pessoais. Onze de seus quatorze filhos morreram antes de atingir a idade adulta. Entretanto, mesmo assim pareciam crescer em humildade, piedade e diligência. Opapo costumava orar às cinco da manhã e da tarde, além de orar freqüentemente em outras horas. E sempre cuidou não só de sua família, como também de outros, especialmente das viúvas e órfãos.

Cumpriu igualmente diversas designações missionárias, acompanhando missionários americanos a outras áreas para pregação. Numa dessas viagens, Opapo, seu velho amigo Elisala e um missionário americano foram à ilha de Manu'a. Lá chegando, souberam que o rei local, Tuimanu'a, proibira a todos de receber ou ajudar os santos dos últimos dias de qualquer forma — sob pena de imediato apedrejamento. Ainda assim, os missionários estavam decididos a não desistir; ficaram dois meses alimentando-se com cocos encontrados nas praias e dormindo em covas. Para proteger-se dos mosquitos, cobriam a cabeça com folhas; cada noite, um deles ajudava os demais a proteger a cabeça, em revezamento, e a seguir arranjava-se sozinho, ficando à mercê dos mosquitos o resto da noite.

Depois de semanas de sofrimento, certa manhã Opapo despertou com o aroma de comida

O rei local, Tuimanu'a, proibira todo mundo de receber ou ajudar os santos dos últimos dias de qualquer forma — sob pena de imediato apedrejamento.

recém-preparada, colocada num cesto perto deles. Os missionários não sabiam se era de origem humana ou divina, mas depois de semanas comendo cocos, estavam profundamente gratos. Pouco antes de partirem, o incidente se repetiu; uma mulher idosa trouxe-lhes comida, dizendo que se fosse preciso morrer por sua bondade, ela morreria, mas que não tinha medo de Tuimanu'a.

Pouco depois, exauridos todos os meios possíveis, os missionários prepararam-se para partir. Opapo e Elisala dirigiram-se cerimoniosa e diretamente a Tuimanu'a e seu povo, advertindo-os de que, caso não se arrependessem, sentiriam a ira e o poder de Deus. Como último ato antes de subir ao barco, Opapo estacou nos limites da aldeia e sacudiu o pó dos pés como testemunho contra a ilha. Semanas mais tarde, um devastador furacão atingiu a ilha — muitos morreram, todas as plantações foram destruídas como também todas as habitações,

exceto uma — a *fale* (choupana) da anciã que ajudara os missionários.

É verdade que milagres fortalecem a fé no crente, mas não dão necessariamente fé ao descrente. Só em 1974 foi estabelecido um ramo em Manu'a. Por outro lado, os santos a quem Opapo contou o incidente, foram fortalecidos em sua fé.

Pouco depois, Opapo e Toai mudaram-se com a família de Sauniatu para a Ilha Tutuila, em preparação para a transferência para o Havá. Em Tutuila, a perseguição aos santos era particularmente grave, causando muita tristeza a Opapo, embora jamais debilitasse sua fé. Certa ocasião, ele e Pinemua Soliai, um bom amigo, estavam a caminho de Pago Pago e acenaram para um ônibus parar. Ele parou, mas quando chegaram mais perto e o motorista viu que eram missionários mórmons, pressionou o acelerador e os deixou parados em meio à nuvem de pó. O Irmão

Soliai comentou pesaroso:

— Bem, vamos levar um bom tempo para chegar à cidade.

Mas Opapo respondeu, com tristeza: — Não, nós vamos chegar antes dele.

Um quilômetro e meio mais adiante, chegaram à cena do acidente. O ônibus colidira de frente com um caminhão, e o motorista estava morto.

O Irmão Soliai e sua família eram os únicos santos dos últimos dias em sua pequena aldeia de Nuuuli, em Tutuila. Certa vez, ele pediu a Opapo que fosse abençoar seus filhos, casa, propriedade e amigos. Na ocasião estava presente uma abastada viúva não-membro, Salataima Puailoa, que andava muito preocupada porque a família do marido procurava tirar-lhe as terras que herdara dele. Impressionada com as bênçãos, solicitou uma para si; Opapo relutou por tratar-se de um não-membro.

Ela pesquisou a Igreja, foi batizada e a seguir procurou-o de novo em busca de uma bênção. Nesta, Opapo prometeu que, se fosse fiel e um instrumento nas mãos do Senhor para promover a obra da Igreja na Samoa Americana, receberia sua herança sem qualquer interferência dos parentes do marido. A bênção cumpriu-se no início da década de 1950. A Igreja adquiriu parte de

sua propriedade, construindo nela uma escola secundária, alojamento para o corpo docente, um grande projeto de bem-estar e uma sede de estaca.

Em 1926, Opapo e Toai mandaram meu pai, Teila, para o Haváí, a fim de preparar sua transferência. Dois anos mais tarde, a Igreja chamou meus avós para realizarem ordenanças pelo povo samoano no Templo do Haváí. Em 1935, minha avó faleceu de pneumonia aos setenta anos de idade. Foi sepultada em Laie, no Haváí, depois de uma vida inteira de generoso e fiel apoio à Igreja e a seu marido.

Como Toia, Opapo também foi vitimado por pneumonia, pouco antes de completar oitenta e um anos, sendo sepultado ao lado de Toia.

Não cheguei a conhecer muito bem meu avô, mas sinto um crescente apreço por ser seu neto. Por causa de sua fé, a minha é mais forte. Os dons que exibia foram um testemunho para o povo samoano numa época da história da Igreja nas ilhas, de que o evangelho é verdadeiro, que o sacerdócio representa o poder de Deus e que o plano de salvação é realmente a senda que devemos seguir. Não só sua família como todos os santos da Igreja podem ser herdeiros do legado de bênçãos que ele deixou.

E stávamos em pleno conflito coreano. Recém-chegado da missão, eu estava servindo no Corpo de Sinaleiros do Exército em Camp Gordon, na Georgia. Passando pelas durezas do treinamento básico havia comigo mais cinqüenta recrutas SUD, incluindo nove ex-missionários. Imediatamente solicitamos permissão para utilizar o recanto coberto de lazer da companhia para uma reunião sacramental. O capitão, passado o primeiro assomo de surpresa, não só nos concedeu a permissão, mas também mandou limpar e arrumar a sala, além de nos deixar usar copos e pão da lanchonete para o sacramento.

Aquela hora de calma e espiritualidade aos domingos era um verdadeiro prazer em meio aos bichos-de-pé, falta de sono, serviços de cozinha, turnos de guarda e enfiada de ordens. Certo domingo, porém, a calma foi um pouco perturbada pela presença de um mal-humorado sargento não-membro. Depois de trazer um grupo de recrutas SUD do seu alojamento, aboletou-se numa cadeira esperando o fim da reunião. Não posso afirmar se prestou muita atenção nos oradores, mas agüentou estoicamente até poder levar seus recrutas. Depois disso, os

recrutas passaram a vir sozinhos.

Em pouco tempo, quase todos haviam esquecido o incidente, ainda mais que dali a semanas teríamos de enfrentar nossa prova de “formatura” — três dias de manobras e exercícios táticos. No segundo dia, o “inimigo” atacou nossa companhia capturando alguns homens. O tal sargento foi dado como desaparecido, mas não capturado.

Naquela noite, sentados em torno de uma pequena fogueira comendo nossas rações de campanha, fomos alertados por um leve ruído. Largando as rações, apanhamos os rifles, prontos para nos defendermos.

De repente, uma voz, vinda do escuro, indagou:

— Algum de vocês sabe quem foi Joseph Smith?

Todos trocaram olhares de assombro; nós, santos dos últimos dias, estávamos em dúvida se seria ou não um truque. Os não-membros nem faziam idéia do que poderia ser. Finalmente, um mais corajoso gritou:

— Pode apostar. Foi um profeta de Deus!

A voz então bradou, exuberante de alegria: — Cheguei! — e da escuridão, apareceu nosso sargento.

A Senha

J. Lynn Bradford





HASTY

Terry Dale

Terminada a reunião sacramental, o bispo chamou-me para uma conversa em seu escritório.

É agora, pensei. Vou ser o novo presidente do quorum de mestres, aposto. Eu estava estourando de orgulho e entusiasmo. *Puxa, a ala inteira vai cumprimentar-me. E como mamãe ficará orgulhosa!*

Sentei-me na grande poltrona diante do bispo, um homem simpático, sorrindo como sempre. Eu, porém, sentia que, apesar disso, nossa conversa seria importante.

— Steve, nós temos uma designação para você, — começou. Meu coração disparou.

— É um trabalho de “bom vizinho”. Estamos preocupados com o Hasty McFarlan. Como sabe, é um velhinho um bocado tristonho. Ele precisa de alguém que seja seu amigo. Não é membro da Igreja, mas Deus ama todos os homens indistintamente, e nós, membros da Igreja, temos a responsabilidade de mostrar-lhe isso. Talvez fosse melhor dizer que temos

o privilégio de demonstrar esse amor. Acho que devo ter olhado embasbacado.

— Você conhece o Hasty, não é, Steve? — perguntou-me.

Meus pensamentos remontaram a algumas semanas, quando alguns colegas e eu caçoáramos do velho, cantando e gritando piadas a seu respeito.

Conheço, sim, — repondi, procurando esconder meu desapontamento e sensação de culpa. — É o velho eremita que vive lá nos fins da cidade.

— Isto mesmo. Gostaria de que você fosse visitá-lo umas duas ou três vezes por semana.

— Está bem, — foi a única coisa que consegui responder.

O bispo deve ter percebido meu desapontamento, pois, inclinando-se para o meu lado, comentou:

— Mas se esta tarefa for demais para você, diga com franqueza.

— Pode deixar, eu vou fazê-lo, — prometi, suspirando.

— Ótimo, — retrucou o bispo sorridente e logo prosseguiu: — Você poderia rachar lenha para ele, arranjar-lhe comida, roupas, qualquer coisa que o faça sentir-se querido. Seja amigo dele. Seu pai está a par dessa designação e prometeu ajudá-lo. O Pai Celestial também estará a seu lado.

— Sim, senhor.

Eu tinha quinze anos então e havia outras coisas que preferiria fazer — jogar bola, caçar, pescar ou simplesmente acompanhar meus amigos. Mas prometera ao bispo cumprir a designação e sabia que seria melhor não faltar com minha palavra.

Hasty vivia numa pequena cabana de troncos ao pé da montanha, pouco além da cidadezinha rural de Idaho na qual me criei. Durante a longa caminhada naquela primeira tarde após as aulas, pareceu-me que cada árvore e arbusto à margem da trilha falava sussurrando da solidão do velho.

Uma vez por ano, no Natal, o velho ganhava um banho grátis no hotel, por cortesia do xerife. Todos achavam que provavelmente era o único banho que tomava durante o ano. Costumávamos dizer que parecia um pirata com aquele calombo na cabeça e sua venda preta. A maioria da garotada e até mesmo certos adultos costumavam caçoar dele ou mesmo pregar-lhe uma peça quando o encontravam. Será que se lembraria de mim como um deles? Quando finalmente cheguei à cabana, estava assustado de verdade.

Bati. Nada. Voltei a bater. Eu sabia que estava em casa. Onde mais poderia estar?

— Hasty? — chamei meio

gaguejando. Não sei quanto tempo fiquei ali parado antes de resolver-me a entrar. A pesada porta de madeira rangeu, quando a empurrei.

— Hasty? — voltei a chamar. —

— Hasty, você está aí?

Ouvindo uns sons roucos, enfiei a cabeça pela porta e dei uma olhadela. Estava frio na cabana e muito escuro. Mal dava para perceber o corpo de um homem sobre a cama. Hasty estava todo encurvado, mas não como se estivesse pensando. Parecia encolher-se todo por não haver nada mais a fazer. Notei que o cobertor sujo, bolorento no qual se sentava, tinha mais rombos que tecido.

Meu coração batia disparado. Engoli a saliva com dificuldade.

— Hasty, posso fazer alguma coisa por você? — consegui finalmente balbuciar. Disse-lhe meu nome e que o bispo da Igreja SUD me mandara ver como estava e em que poderia ajudá-lo. Ele nada disse. Aquela figura calada, imóvel, me fazia medo.

— Hasty, seu fogo está apagado.

Nenhuma resposta.

Fui lá fora, descobri um machado e alguns tocos, e pus-me a rachar umas aparas para fazer fogo. A cada golpe de machado, perguntava a mim mesmo: *O que eu estou fazendo aqui? Por que eu? Por quê?*

Um bocado resmungão, hein? respondeu-me uma voz interior. *O velho está com frio, e só você pode ajudá-lo.*

Acendi o fogo e tentei conversar com ele, mas passados alguns minutos decidi que me não prestava atenção. Como precisava de um cobertor novo, disse-lhe que lhe arranjaría um bem grosso, quente e limpinho, o que realmente fiz no dia seguinte. Depois disso, aparecia lá dia

sim, dia não. Passadas diversas semanas, ele pouco a pouco começou a falar comigo.

Um dia, depois de conversarmos um pouco, ele perguntou:

— Diga-me, por que vem aqui? Acho que um garoto de sua idade tem coisas melhores para fazer do que visitar um velho doente e imprestável como eu. Mas gosto que venha, — e sorriu.

No dia de Ação de Graças convidei-o para jantar em casa, mas ele não apareceu. Então nossa família lhe levou o jantar. Havia lágrimas nos olhos dele quando tentou agradecer.

Continuando a visitá-lo, acabei descobrindo que Hasty fora pastor de ovelhas. Tivera também mulher e filhos, mas eles contraíram uma febre horrível e não resistiram. Achando que sua vida fora destruída, Hasty pôs-se a vagar pelo país inteiro como andarilho. Um tumor na face provocara cegueira num dos olhos, e assim começaram as caçadas e brincadeiras de mau gosto.

Mas a mim, o velho já não mais parecia feio e assustador. Na verdade, mal conseguia esperar o fim das aulas para ir correndo ajudá-lo e ouvir suas histórias.

No Natal, voltamos a convidá-lo para jantar conosco. Desta vez ele apareceu, bem limpo e arrumado, e de terno, com um sorriso nos lábios. Hasty sentia-se feliz, porque sabia que era necessário e querido.

Terminado o jantar, o ancião curvou a cabeça por um instante, ergueu-a e falou:

— Vocês são uma gente maravilhosa. Minha vida andava uma droga há muito tempo, mas o amor que me demonstraram transformou-

me num homem diferente. Muito obrigado.

E quando disse isso, pude sentir um calor muito grande dentro do peito. Um calor gostoso.

VAI MUDAR-SE?

Informe-nos... *antes*

Não deixe de receber sua revista mensal da Igreja quando se mudar.

Para ter certeza de não perder nenhum número de A Liahona, é necessário que nos informe dois (2) meses antes, para que a remessa da revista não seja interrompida.

Para mudar seu endereço

1. Preencha as informações no espaço apropriado.

Nome

Antigo endereço

Bairro

Cidade

Estado

CEP

2. *Escreva com clareza seu novo endereço aqui. Obrigado!*

Nome

Novo endereço

Bairro

Cidade

Estado

CEP

NOTA: Se preferir não usar este formulário, dê-nos a informação solicitada numa folha separada.

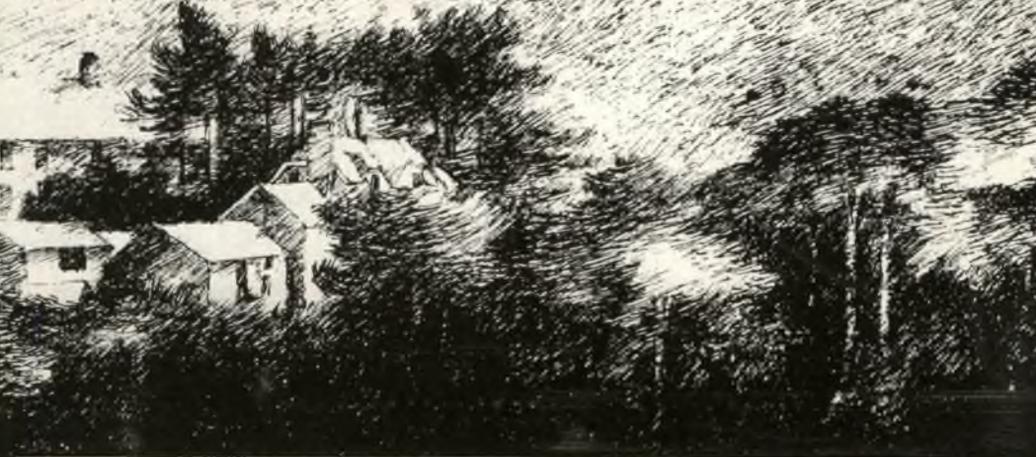
Envie para —
Caixa Postal, 26023
01000 — São Paulo — SP



Das
Trevas Veio A Luz

Thomas J. Griffiths





Era dia de reunião de jejum e testemunho na ala. Diversos jovens haviam testificado da bondade de Deus e das bênçãos por eles recebidas. Levantou-se então, um senhor idoso. A vida vincara suas faces, e o tempo havia deixado seus cabelos cor de prata. Mas a voz continuava clara como o som de sinos numa manhã de inverno:

— Eu sei que Deus vive e guia nosso destino. Hoje estou aqui porque ele ouviu minhas preces quando menino e guiou meus passos.

A fim de entendermos suas palavras, é preciso remontar ao tempo em que um garoto se transformou em homem adulto e foi trabalhar.

Ele vivia numa pequena aldeia de mineiros de carvão no País de Gales, onde praticamente todos os

moradores masculinos trabalhavam na mina. Faltavam poucas semanas para completar doze anos e, como a maioria dos outros garotos, começar a cavocar carvão no fundo da mina. Era um menino normal que entendia perfeitamente a necessidade de deixar os estudos para ajudar no sustento da família. Certa manhã, porém, a caminho da escola aconteceu uma coisa que afetaria toda sua vida — ele aprendeu o que significa ter medo.

Um pequeno cortejo vinha subindo a colina onde viviam os mineiros. Dois homens carregavam uma padiola, enquanto outro ia à frente deles. Seus rostos estavam enegrecidos pelo pó de carvão e na padiola levavam um pequeno corpo coberto com um cobertor marrom.

— Quem foi desta vez? — indagou alguém.

Aprisionado na mina de carvão, sem saída, o garoto
orou na escuridão:

— Se for da tua vontade, permite que voltemos a ver
a luz.



— O pequeno Davey Edwards, — respondeu o homem que ia à frente. — Parte da galeria desmoronou em cima dele, pobrezinho.

O rapaz continuou seu caminho para a escola, mas seus pensamentos estavam com o amigo Davey Edwards. Juntos haviam explorado os montes, apanhado castanhas nos bosques da Montanha Mynyddyslwyn e colhido amoras pretas ao longo do Riacho Gwyddon. Havia estado juntos onde terminam os dourados tojos e começa a mata, atentos ao plangente canto do cuco anunciando a primavera.

É, pensou consigo, aqueles dias se foram. Logo Davey estará descansando no cemitério do Monte Llanvach e eu trabalhando na mina. Pela primeira vez na vida soube o que

era ter medo. Manteve-o porém, oculto dentro de si.

Seu décimo segundo aniversário chegou, e o pai informou-o de que, na segunda-feira seguinte, ia começar a trabalhar na mina. No sábado à tarde, foram até a aldeia para que o pai lhe comprasse um par de calças de brim grosso e uma camisa de flanela. Comprou-lhe também uma merendeira e uma garrafa metálica para chá, além de um par de ligas de couro para prender abaixo dos joelhos, impedindo assim que o pó de carvão subisse por dentro das calças.

A segunda-feira amanheceu úmida e fria, mas não tão fria quanto o coração do menino. Ele foi designado ajudante de Dai Jenkins, mineiro bastante experiente. A administração não aprovava duplas de pai e filho, pois ficava mal dois membros de uma mesma família morrerem no mesmo acidente.

Quando o elevador desceu, ele estava ao lado de Dai Jenkins, olhando para o pai postado do lado oposto, que lhe sorriu confiante. Ao lado do pai havia um outro garoto de doze anos da aldeia.

O elevador parou no fundo do poço com um baque. Quando abriram a porta para os mineiros saírem, o garoto sentiu os odores pungentes de cavalos e mulas, animais usados para puxar os vagonetes de carvão pelas galerias da mina. Os animais eram cuidados por um homem com o título de estribeiro.

O garoto seguiu seu parceiro ao longo dos estreitos trilhos, até alcançarem o fim da galeria na qual deviam trabalhar. Dai tirou o paletó e pendurou-o num prego que se projetava de uma das vigas de sustentação. Fez o mesmo com a

merendeira e a garrafa de chá, sendo imitado pelo garoto.

Como o veio de carvão tinha só um metro de grossura, Dai passava quase o tempo todo de joelhos manejando a picareta. Ao garoto cabia a tarefa de transferir o carvão para um vagonete, e a terra e pedaços de rocha para outros. A seguir, o estribeiro vinha para levá-los até o elevador no fundo do poço, de onde eram transportados para cima.

Os dias foram passando, e a cada um deles aumentava o ódio do garoto pela escuridão. Certas horas acontecia um acomodamento da terra, parecendo então que as escoras não mais suportariam o teto da galeria, e ele e Dai morreriam soterrados. Era nesses momentos que se lembrava do amiguinho Davey, imaginando se ele também acabaria estirado numa padiola coberto com um cobertor marrom.

Havia, contudo, uma hora do dia de que realmente gostava. Dai largava a picareta e convidava: — Vamos, meu chapa, está na hora de um naco e um gole de chá.

Então, sentados juntos na débil luz de suas lanternas, comiam o farnel de suas merendeiras. De vez em quando, Dai dava ao garoto um biscoito galês feito por sua mulher. Era uma delícia.

Certo dia, enquanto Dai labutava com sua picareta, aconteceu uma coisa estranha, incomum — o fim da galeria abriu-se para uma pequena caverna. Tinha o tamanho de um pequeno quarto e seu teto parecia ser de rocha viva. A meia altura, numa das paredes, corria um ressalto em forma de prateleira.

Naquele mesmo dia, durante a pausa para o lanche, um ruído como

de trovão ressoou pela mina, fazendo o chão tremer. Dai deu um pulo e agarrou o menino pelo braço.

— Uma explosão, meu chapa, e talvez incêndio. Vamos fechar a entrada da caverna com esta lona. É nossa única chance.

Pregaram apressadamente a pesada lona na boca da caverna, e depois ficaram sentados, esperando. Pouco depois começaram a sentir o calor do fogo que se aproximava.

Lá em cima, os moradores da aldeia se juntaram na entrada da mina. Os grupos de socorro que desceram, voltaram em pouco tempo.

— Ninguém pode estar vivo lá embaixo, — informaram. — A mina está em chamas. Que Deus se apiade dos que estão lá.

Os proprietários da mina, reunidos tomaram uma rápida decisão — desviaram as águas de um canal próximo e inundar a mina para extinguir o fogo. Uma das mulheres gritou aflita:

— E os nossos homens?

Sua aflição teve como resposta um balançar de cabeças. Na pequena caverna, o calor era quase insuportável, mas mesmo assim parecia entrar um pouquinho de ar. As horas se iam passando, embora o tempo aparentemente houvesse parado. Então ouviram o borbulhar da água. Foi invadindo a caverna, primeiro até os tornozelos, depois subiu aos joelhos, e subindo, subindo. Dai subiu no ressalto e puxou o garoto para o lado dele. Com a subida da água, o calor foi diminuindo. A seguir, veio o silêncio.

— Chapa —, cochichou Dai, — você sabe orar?

— Sei, sim, — replicou o menino.

— Minha mãe me ensinou antes de morrer.

— Então ore por nós. É só o que nos resta.

O rapaz fechou os olhos e continuou calado por uns momentos. Então vieram as palavras, vagarosas, como que saídas de um coração conturbado:

— Bondoso Jesus, buscamos-te nesta escuridão, sem que nada nos reste senão tua ajuda. Se for da tua vontade, permite que voltemos a ver a luz. Deixa que nossos pés subam o morro para nossa casa. Permite que ouçamos os pássaros cantar e vejamos o sol surgindo no alto da Montanha Rhysog. Estamos sós e precisamos da tua ajuda. Amém.

Ouviu a voz de Dai, sentindo seus braços em torno dos ombros.

— Obrigado, meu chapa. Já não tenho medo.

As horas foram correndo e devia ser noite, porque pegaram no sono. Quando acordaram, as lanternas estavam apagadas. Agora estava completamente escuro, uma escuridão espessa e agourenta. E as trevas trouxeram o medo, um medo trêmulo, gelado. O garoto via-se sendo carregado colina acima numa padiola, coberto com um cobertor marrom. Percebendo seu pavor, Dai envolveu-o num abraço.

— Chapa, que tal cantar um pouco para mim?

Depois de hesitar um pouco, o garoto pôs-se a cantar com voz estrangulada pelo medo: “Tu, Jesus, és meu amor — É meu lar teu coração; Este pobre pecador faz viver com teu perdão.” E prosseguindo com sua voz de tenor ainda infantil: “Ó Jesus, meu Redentor, Sei que tu me salvarás. E bem sei que teu amor, me dará celeste paz.”

Nas trevas, é difícil dizer quanto

tempo passou, mas afinal acabaram sentindo as pontadas da fome e sede.

— Mastigue um pedaço de couro, — lembrou Dai. — Isto ajuda a enganar a fome.

O garoto tirou a liga de couro da perna e pôs-se a mastigar. O couro era novo e ainda tinha gosto de tanino. Mas ajudava a aliviar as pontadas da fome.

Voltaram a dormir e passou-se mais um dia. Dai agora mantinha-se calado, como que reconhecendo que o fim não tardaria. E o garoto mostrava-se apático de fome e sede, como que envolto na negra escuridão. Estava a espera do sono eterno.

De repente, ouviram uma voz muito ao longe:

— Tem alguém aí?

As vozes foram-se aproximando. Alguém afastou a cortina de lona e a claridade de sua lanterna iluminou Dai e o garoto.

— Um milagre! — gritou para seus companheiros. Eles estão vivos!

Dai conseguia andar, mas o garoto teve de ser carregado até o elevador, que os devolveu à vida e luz do dia.

O pai do garoto morrera na explosão, por isso foi acolhido pela família de Davey Edwards. Poucos dias depois, alguns parentes que viviam mais além no vale, vieram buscá-lo. Eram gente boa, diziam, só que se haviam filiado a uma igreja esquisita originária da América.

Juntos, o menino e sua nova família fizeram planos, e finalmente chegou o dia de emigrarem para a América, onde se radicaram no vale das montanhas.

O velho concluiu seu testemunho: — E assim, meus irmãos, do medo nasceu a fé, e das trevas veio a luz que vivifica.

Visto de Uma



Perspectiva Diferente

Lee Dalton

Não! Não, seu idiota, volte para sua faixa!

Eu gritava a plenos pulmões, tentando fazer com que o motorista do carro amarelo me ouvisse, apesar do barulho do meu motor e dos trezentos metros que nos separavam. Meu pé pressionava o pedal do leme direito como se fora o freio, procurando desesperada, porém inutilmente, impedir a cena horrível lá embaixo. Eu queria fechar os olhos, mas não conseguia.

Era uma bela tarde de primavera e eu acabava de receber meu brevê de piloto. O motor do pequeno avião amarelo ronronava e vibrava ao seguirmos a rodovia para o ponto em que cruza um rio e sobe uma colina.

Vista do chão, a colina é uma lombada íngreme que força o motor do carro. Do ar, porém, mal se nota, a não ser pelas leves sombras do terreno e a linha amarela dupla no meio da estrada.

Eu estava ali, observando

preguiçosamente o renovado verdor da primavera desdobrar-se aos meus pés, enquanto apostava corrida com os carros que seguiam no mesmo sentido pela rodovia. Claro que ganhávamos deles, meu aviãozinho amarelo e eu.

Chegando à altura da ponte, pude ver a longa fila de carros subindo a lombada do lado contrário. O carrinho azul que estávamos perseguindo, ia um pouco a nossa frente, mas estávamos ganhando terreno rapidamente. Logo ficaria para trás e estava na hora de escolher outro carro para apostar corrida.

O carro azul chegou à ponte, atravessou-a e começou a subir a lombada. Eu podia ver a fila de carros aproximando-se do lado contrário, o primeiro deles chegando ao topo para iniciar a descida.

Nós estávamos exatamente acima do carro azul, quando aquele carro amarelo, o quarto ou quinto da fila, saiu de sua faixa para ultrapassar. Chegou à faixa amarela dupla, mas não deu sinal de voltar para seu lado da pista. Pelo contrário, pareceu acelerar para ultrapassar o primeiro carro da fila. E o carro azul continuava sua subida.

Quase que

inconscientemente, pus-me a voar em círculos, atento ao que estava para acontecer lá embaixo, esperando que não acontecesse. Os dois carros chegaram juntos ao topo da lombada, mas nenhum dos dois dava sinal de haver percebido a presença do outro. A distância entre eles era de uns míseros sessenta metros. Comecei a gritar. O avião guinou para a direita quando pressionei o leme por reflexo. Estavam quase um em cima do outro. Eu continuava gritando a plenos pulmões, mesmo sem a menor chance de ser ouvido. Tentei *forçar* mentalmente o carro amarelo a voltar para sua faixa, mas em vão.

Lá do alto, parecia que a distância entre eles não passava de uns dois centímetros. Minha garganta doía. Meu corpo estava rígido. O avião guinava loucamente pelo ar, enquanto eu continuava concentrado na cena lá embaixo, com a alavanca de comando para a

**Eu gritava a plenos
pulmões, mesmo
sem a menor chance
de ser ouvido**

esquerda e o pedal do leme direito calcado até o chão.

De repente, o carro azul guinou para o lado direito da estrada — finalmente percebera o perigo. Mas o carro amarelo o seguiu! Guinando para a esquerda numa desesperada tentativa de evitar a colisão, o motorista entrou no outro frontalmente.

Nenhum barulho atingiu meus ouvidos, quando os carros colidiram. Foi tudo estranhamente silencioso. Uma nuvem de pó explodiu em torno deles. O carro azul foi parar numa valeta, lançado para trás e para o lado. Uma parte de um deles voou pelos ares, lançando reflexos luminosos. Uma pequena forma humana arremessada de um dos carros foi cair num campo.

Estava tudo acabado.

Afundando no assento, subitamente me dei conta de que o avião estava praticamente fora de controle. Instintivamente retomei o controle, mas continuei voando em círculos a observar o progresso terrivelmente lento dos carros de polícia, bombeiros e ambulâncias dirigindo-se para o local do desastre entre as localidades de Hiram e Mantua.

Ainda circulando, o aviãozinho amarelo e eu, fiquei observando sentindo-me nauseado. Achava-me profundamente impotente e frustrado. Eu *tentara!* Eu havia tentado evitar que acontecesse, mas os motoristas não me ouviram. Havia lágrimas rolando-me pela face.

O sol beirava o horizonte, quando as rodas do avião roçaram a relva da pista. Taxiei o aviãozinho até seu lugar costumeiro; as hélices pararam. Fiquei sentado em silêncio, ouvindo o coro de grilinhos na relva molhada e os leves estalos de metal em arrefecimento. Eu continuava tremendo. Mais tarde, vim a saber que houvera seis mortos no acidente — nenhum sobrevivente.

Acho que estava prendendo as amarras que manteriam o avião seguramente preso em seu lugar, quando me ocorreu o pensamento. Foi um pensamento súbito e que dizia: *Agora você sabe como Ele se sente. Agora você sabe como o Pai Celestial deve sentir-se ali sentado, obrigado pela decisão de nos permitir o livre arbítrio, observando enquanto ignoramos seus apelos espirituais e continuamos a cometer erros mais do que tolos.*

“Eu Não Tenho De Ir Para Casa, Não É?”

C. Jack Lemmon

A reunião de executivos mal terminara no escritório da Missão Baton Rouge Louisiana, quando tocou o telefone. A voz do Élder Olson, que servia em Nova Orleans, soava à beira do pânico. Seu companheiro júnior, Élder Freeman, fora atropelado por um caminhão pesado e encontrava-se a caminho do hospital. Não conseguindo entrar em contato com seus líderes de zona, estava telefonando para o presidente da missão, a fim de consultá-lo sobre o que fazer.

Assegurei-lhe que dentro de duas horas minha mulher e eu estaríamos lá. Chegando ao hospital, fomos recebidos pela Irmã Margaret Simmons que ali trabalhava como enfermeira, e nos descreveu os ferimentos do Élder Freeman. Tinha a bacia fraturada em dois lugares e trincada num terceiro, além de rutura do baço, costelas trincadas e fraturadas, fratura num quadril e forte hemorragia na área intestinal, mais outros ferimentos menores.

Passara-se mais de uma

hora, quando o Élder Freeman foi levado da sala de cirurgia para a unidade de tratamento intensivo.

— Fiz tudo o que podia, — informou-me o médico. — Se resistir às próximas vinte e quatro horas, terá chance de recuperar-se, mas tenho minhas dúvidas.

Depois, chegou o ortopedista para colocar o Élder Freeman no aparelho de tração. Quando terminou, chamei-o de lado, a fim de pedir as informações necessárias para um relatório completo para a Cidade de Lago Salgado. O ortopedista disse-me que eram fraturas regulares, como se os ossos houvessem sido partidos em dois. A consolidação levaria tempo — cuidados intensivos durante uma semana, tração por umas oito semanas, e de seis meses a um ano de espera e observação para poder-se dizer se voltaria a andar.

Solicitei permissão de visitar o paciente e dar-lhe uma bênção de saúde. Concedida a permissão, formei um círculo em torno dele com mais cinco

élderes preocupados. Seu companheiro o ungui e eu proferi a bênção, sentindo que ele viveria e ficaria bom. Ao retirarmos as mãos de sua cabeça, ergueu o olhar para mim e perguntou:

— Eu não vou ter de ir para casa, não é, Presidente Lemmon?

Quanta fé! Repliquei simplesmente:

— Você ainda não terminou sua missão.

Saindo do quarto, observei os médicos de pé ali perto, parecendo um pouco estupefatos; talvez fosse a primeira vez que viam o poder do sacerdócio de Deus em ação. A Irmã Simmons, chamando-me de lado, disse-me que todos haviam ficado observando atenta e silenciosamente, enquanto dávamos a bênção.

No terceiro dia de hospitalização, o Élder Freeman foi retirado da unidade de tratamento intensivo, cinco dias antes do previsto. As semanas seguintes ele passou preso no aparelhamento de tração, a fim de recolocar seus ossos na

posição normal. Embora fosse bastante incômodo, ele aproveitou o tempo para memorizar as palestras missionárias, falar do evangelho aos funcionários do hospital e compartilhar com eles seu testemunho da restauração. Todos sabiam quem ele era, até o diretor do hospital.

Na sexta semana após o acidente, o Élder Freeman recebeu alta do hospital e passou a trabalhar nos escritórios da missão em Baton Rouge. Quando chegamos, ele saiu do carro andando com muletas, e foi até o meu escritório. Mais uma vez derrubara as previsões dos médicos — desta vez em quase doze meses — mesmo tendo perdido tanto peso, que tinha de enfiar o conjunto tríplice de

escrituras na cinta para segurar as calças!

Depois de um mês trabalhando no escritório, pediu para ser removido. Mande-o para Baker, Louisiana, como líder de distrito. Pouco tempo depois de ali chegar, ele usou as muletas pela última vez. Agora, o Élder Freeman está em Hammond, Louisiana, servindo como líder de zona. Ele ainda anda e corre mancando um pouquinho, mas leva uma vida de atividades normais.

O Élder Matthew Freeman é um exemplo vivo do poder do sacerdócio e uma prova andante do poder da fé. Sou grato ao Senhor pelo sacerdócio, e agradeço-lhe por dar-nos excelentes jovens como o Élder Freeman, que o servem de todo o coração, poder e forças.

PREZADO ASSINANTE:

Mudou-se ou vai mudar-se?

AVISE-NOS IMEDIATAMENTE A FIM DE NÃO FICAR SEM SUA REVISTA.

Basta recortar a etiqueta de endereçamento que acompanha seu exemplar de A Liahona e enviá-la ao endereço abaixo, com a anotação de seu novo endereço.

Mande a informação para Caixa Postal 26023 - 01000

São Paulo

S.P.

A DEPRESSÃO

O QUE CAUSA A DEPRESSÃO? — Estatísticas do Instituto Nacional de Saúde Mental (EUA) demonstram que quase toda pessoa experimentará uma leve depressão em alguma parte da vida. Visto que “quem é avisado com antecedência, arma-se com antecedência,” a assistente-social clínica SUD Judy Steenblik alista algumas causas comuns da depressão. Elas incluem: • Uma sensação de perda, como a causada por mudança, morte ou divórcio. — • Mudança brusca. — • Expectativas em demasia. — • Pressão econômica. — • Excesso de programação ou falta de equilíbrio de tempo. — • Disfunção biofísica ou química.

A irmã Steenblik salienta que alguns tipos de depressão são físicos em sua natureza e não podem ser tratados sem alguma medicação. Em certos tipos de depressão clínica, a medicação calmante é apropriada, combinada com o aconselhamento. “O sistema biofísico de algumas pessoas se descontrola e elas se julgam culpadas por dizerem a si mesmas: “Por que não me posso livrar disso?” Não podem porque ocorreu uma mudança biofísica e elas precisam consultar um médico,” disse ela.

QUAIS SÃO SEUS SINTOMAS? — A depressão tem sido denominada o “resfriado comum” dos problemas emocionais. Seguem-se alguns “sintomas do resfriado” ou sinais de que a depressão está a caminho:

• Nervosismo. — • Desânimo. — • Pessimismo. — • Tristeza. — • Sentimento de fracasso. — • Excesso de culpa. — • Aversão a si próprio. — • Indecisão. — • Falta de concentração. — • Retardamento do trabalho. — • Queixas físicas como perda de sono, dores de cabeça, mal-estar estomacal, perda de peso ou fadiga.

Através da experiência que possui, Irmã Steenblik sugere 10 maneiras de enfrentar a depressão e aprender a evitá-la:

— 1. DESENVOLVER ATITUDE POSITIVA QUANTO A SI MESMO. Dê crédito a si mesmo pelas coisas positivas que realiza. Não fique repisando suas fraquezas. Disse Harold B. Lee: “A auto-estima é a capacidade de concluir que gosto de mim.” Não é arrogância. Alguns santos perguntam: “Como podemos ser humildes e amar a nós mesmos?” Não são coisas incompatíveis. Devemos amar ao nosso próximo como a nós mesmos. Se respeitarmos a nós mesmos, é provável que amemos aos outros.

Desenvolva a auto-estima — Se algo não for feito de modo perfeito, isto não quer dizer que não valha a pena. Não generalize demais suas fraquezas. Dê crédito a si mesmo pelas coisas que pode fazer. — Conscientize-se de que a aprovação é desejável, mas não uma necessidade premente. Não se pode agradar a todos, mas a pessoa mais importante a ficar satisfeita é você mesmo. — Evite comparações. Diga a si mesmo: “Não sou menos do que qualquer pessoa, sou apenas diferente.” Não se permita diminuir através de rótulos negativos: “Sou tímido, ou bobo, ou gordo.”

— 2. ENCARAR A PERFEIÇÃO COMO UM PROCESSO — NÃO COMO UM SIMPLES ATO OU FATO. Mantenha a perfeição na perspectiva. Muitos psicólogos aconselham a deixar de lado o perfeccionismo, mas muitos mórmons rejeitam esse conselho. Eles devem entender que podem aperfeiçoar pequenas áreas da vida, um passo de cada vez.

— 3. ESTABELECEER PERSPECTIVAS REALISTAS. Aprenda a esforçar-se o suficiente para crescer, mas não se imobilize, estabelecendo um objetivo que nunca poderá alcançar. As mulheres mórmons têm dificuldades com perspectivas realistas pois pensam que precisam ser super-mães, uma esposa calorosa e espetacular, uma padeira perfeita, uma decoradora, uma professora, uma paramédica, uma economista e uma costureira criadora, tudo de uma vez.

— 4. TRATAR SEU CORPO COM RESPEITO. Exercite-se, faça refeições equilibradas, obtenha o tempo suficiente de sono. Viva a Palavra de Sabedoria.

— 5. COMPORTAR-SE SEGUNDO O EVANGELHO. Quando cometemos erros, arrependemo-nos e perdoamos a nós mesmos, sem ficar presos ao passado. “*E agora, meus queridos irmãos, vindo que nosso misericordioso Deus nos fez saber tanto sobre estas coisas, lembremo-nos dele. Deixemos de lado nossos pecados e não inclinemos nossa cabeça, pois que não fomos afastados...*” (2 Néfi 10:20)

— 6. ESCOLHER, DIARIAMENTE, ALGO QUE O FAÇA SENTIR-SE BEM, E REALIZÁ-LO. Não importa quão insignificante pareça aos outros, se lhe der um sentimento de sucesso com relação a si mesmo, é importante para você, e deve realizá-lo. —

7. DESENVOLVER UM EQUILÍBRIO ENTRE DAR A SI MESMO E DAR AOS OUTROS. Tome tempo para suprir-se, para ter mais para dar aos outros. Tome tempo para desenvolver talentos, interesses e passatempos. Certifique-se de que tem algo para dar, e não se ache culpado quando for melhor para seus interesses dizer “não” gentilmente.

— 8. NÃO ADIAR A MUDANÇA. Esteja pronto para mudar e procure áreas que possa desenvolver. Evite declarações que perpetuem o estado atual. Como? • Substitua a afirmação “Eu sou assim,” por “Eu era assim.” • Substitua a afirmação “Eu sempre fui assim,” por “Ferei diferente.” • Substitua a afirmação “Não posso fazer nada,” por “Posso mudar se me

— 9. TER UMA PERSPECTIVA REAL DE QUEM VOCÊ É. Tome tempo para “sossegar e sabei que eu sou Deus”. Compreenda que você é literalmente aparentado com ele. Desenvolva aquele relacionamento pessoal, sereno, que advém de experiências doces e espirituais.

— 10. APRENDER A NUTRIR E SER NUTRIDO PELO DOM DO AMOR. Tome tempo para ligar-se verdadeiramente com as pessoas da família e comunicar-se com quem você se importa - marido, mulher, filhos, colegas e amigos.

